

POLÍTICA DO ORGULHO: HEGEMONIA E IDENTITARISMO

Gabriel Moraes da Silva (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Meire Mathias (Orientadora),
Fagner Carniel (Co-orientador). E-mail: rielmoraesdasilva@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Maringá, PR.

Ciências Humanas / Sociologia

Palavras-chave: hegemonia, política de identidade, movimento LGBT.

RESUMO

Esta pesquisa procurou explorar a relação entre o termo “orgulho”, popularizado no limiar da história política gay, com a retomada das ações coletivas de politização da homossexualidade em meados dos anos de 1990. Constatou-se que a formação de um grupo heterogêneo unido por iguais preocupações exerceu papel de destaque no desenvolvimento da política identitária, baseada na ideia de *outing*. Como resultado, a aplicação do termo “orgulho” na simbologia do movimento ganhou relevância na medida em que a compreensão da subalternidade como resultado das estruturas de poder fundadas na instituição do armário tornou-se consensual. Ao final, conclui-se que o orgulho foi um sentimento que fez parte da geração vivida na década de 1990 e, devido ao direcionamento político dado aos agentes que se fizeram hegemônicos no processo histórico, se relaciona à formação da consciência política.

INTRODUÇÃO

A luta descontínua de uma classe de indivíduos que têm maneiras semelhantes de experimentar o prazer, por elas se identificam, se constituem como grupo social e se fazem enquanto força política, começou a ser objeto de estudo na metade do século XX. Atualmente, essas pesquisas são nomeadas de trabalhos “clássicos” da história do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) e são objetos de debate (Rodrigues, 2023). Do mesmo modo, o nosso caminho trilhado até a escolha do objeto a qual pretendemos estudar dispôs da análise crítica destes trabalhos. Assim, pôde-se compreender a década de 1990 como o período em que o número de organizações do MHB voltou a crescer, com forte presença de arranjos institucionais fortalecidos pela epidemia de HIV/Aids, e com abordagem reivindicatória na luta por direitos. Ao final da década seriam organizadas as Paradas do Orgulho, formas massivas de contestação. Nesse sentido, o movimento homossexual foi, pela primeira vez, posto em evidência. Não é à toa, portanto, que a ideia de “orgulho gay” seja indicada como uma atitude valorizada e considerada o “espírito” daqueles anos, sendo uma ideia promovida pela mídia tradicional e, especialmente, pela mídia gay especializada (Facchini, França, 2009). A partir das constatações, nos propusemos ao objetivo de

explorar qual a relação entre a adesão ao termo de “orgulho” com a retomada das ações de politização da homossexualidade em meados dos anos de 1990.

MATERIAIS E MÉTODOS

O material empírico selecionado para dar aporte à pesquisa foi a revista SuiGeneris, principal periódico da imprensa gay que circulou no mercado editorial entre 1995 e 2000. Para o exame do material empírico nós nos valem do procedimento de pesquisa documental (Sá-Silva, Almeida, Guindani, 2009). O exame do material foi feito com base em seu conteúdo, incluindo a leitura e análise de editoriais, notícias, entrevistas, colunas fixas ou especiais e seções de cartas, música, moda, arte e cinema. Neste processo de leitura e análise, seguimos os preceitos do mecanismo de codificação e categorização temática (Gibbs, 2009). A partir de dezenove edições da revista SuiGeneris relativas ao período de 1995 a 1997, definimos conjuntos temáticos que expressassem aproximações com o conceito de orgulho, tal como foi aplicado para nomear as Paradas do Orgulho, maior referencial de seu uso político. Entre as temáticas em destaque, cunhamos os seguintes códigos analíticos: ações e ideias fundamentadas no *outing*, quadros de experiência social, diretrizes da política identitária e, por último, aspectos da relação dialógica entre a revista e seus leitores. No primeiro conjunto temático, reunimos categorias que apresentavam certo nível de proximidade com o significado de orgulho e o representasse concretamente em dimensões individuais, tais como às percepções, sensações e opiniões dos sujeitos. Foram estes, códigos analíticos de *quadros de experiência social e relação dialógica entre a revista e seus leitores*. Já para o segundo, reunimos as categorias temáticas que evidenciaram proximidade com a esfera conflituosa da política, expressando a dimensão coletiva e social do orgulho em expressões fenomênicas, sendo estes os códigos analíticos referentes às *diretrizes da política identitária e as ações e ideias fundamentadas no outing*. Após analisar o material e utilizarmos os mecanismos de codificação e categorização temática sistematizamos as reflexões que contribuíssem para o cumprimento do objetivo da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No exame das revistas, obtivemos contato com as contribuições de ativistas do MHB e dos quadros permanentes e colaborativos da revista, composto, principalmente, por jornalistas e especialistas de certas áreas. Luiz Mott, presidente do Grupo Gay da Bahia (GGB), questionaria, na edição de lançamento da revista: “O que fazer para promover um *coming out* nacional, libertando tantos milhões de brasileiros das prisões de baixa-autoestima, auto-exclusão e opressão heterossexista? Como fazer com que estes gays e lésbicas isolados saiam da gaveta e se tornem cidadãos conscientes e orgulhosos de pertencerem à mesma estirpe de Miguel Ângelo, Oscar Wilde, Santos Dumont, Safo, Greta Garbo e tantas outras celebridades, tornando-se inclusive força política e uma fatia do mercado de consumo?”. Já na edição número 8, o presidente do Grupo Arco-Íris, Augusto Andrade, parecia responder à questão: “só faz luta por cidadania quem gosta de si mesmo e que tem amor próprio”.

Contribuições de lideranças históricas das organizações mais proeminentes como essas demonstram que o MHB estava retomando o princípio ideológico da liberação gay à sua política identitária e, em alguma medida, visando o despertar de uma consciência para a vida pública. A preocupação com a autoestima e a relação com a mídia seriam, inclusive, pontuadas no 8º Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas (EBGL) em 1995, meses antes da realização da 17ª Conferência Internacional da International Lesbian and Gay Association (ILGA) entre os dias 18 a 25 de junho no Rio de Janeiro. Tais pontos discutidos pelo MHB encontraram um lugar especial para divulgação na revista *SuiGeneris*, lançada em janeiro do mesmo ano. A linha editorial da *SuiGeneris* estava comprometida com levar a cultura gay para fora do lugar de marginalidade ocupada pelos homossexuais com um jornalismo de qualidade, tendo como objetivo criar a consciência de que as semelhanças entre héteros e homossexuais eram maiores que as diferenças. Se a década de 1990, na visão da revista, é associada à modernidade, este seria o momento em que o isolamento antiquado deveria ser superado e os meios para a superação deveriam ser cunhados. Assim, desde o primeiro número, a concepção da sua opressão foi centrada no livro *Queer In America*, de autoria do jornalista americano Michelangelo Signorile, fundindo-se concisamente na linha editorial da revista, que tomava pública a orientação sexual de algumas das personagens mais notáveis do imaginário brasileiro e mundial. O *outing*, como foi referido, estruturou ações e ideias: estava na base da difusão de práticas de resistência individual e mobilizações coletivas em espaços públicos ou privados nas quais a sociabilidade gay era reprimida, ressaltou a sexualidade de personalidades da música, do cinema, da política e divulgou diversas produções cinematográficas, musicais e artísticas que continham, em seu conteúdo, relação à cultura gay urbana do passado ou de seu presente. Por trás dessas ações existia o objetivo de criar bons referenciais gays e construir uma identidade gay aceitável aos olhos da sociedade, além de disputar um lugar na memória. Dessa forma, as ideias e ações serviam como um estímulo para a criação de uma concepção positiva da homossexualidade. Seu resultado mais concreto foi o desenvolvimento de aspectos psicossociais que levavam aos leitores a repensar as experiências de sujeição e dominação sobre o quadro interpretativo da injustiça. Tais quadros, mobilizados para organizar a experiência e situar os indivíduos no mundo, são verificados na relação dialógica entre leitores e revista. Os consumidores do periódico, em sua maioria composto por classes médias gays das capitais de São Paulo e Rio de Janeiro, foram interlocutores assíduos da *SuiGeneris*. Com vontade de serem ouvidos, vistos e reconhecidos, contribuíram para o desenvolvimento da revista, usufruíram dos serviços de comunicação ou empreendimentos criados ao redor dela, e por ela foram interpelados. Assim, o periódico serviu de instrumento para colocar os leitores em contato com outros leitores de todo o país e apresentar maneiras de confrontar a dominação à qual estavam sujeitos, do mesmo modo que serviu de veículo noticioso das reivindicações do MHB e de assuntos relacionados à emergente cultura gay de mercado no Brasil e no mundo todo.

CONCLUSÕES

Como resultado, a adesão à simbologia envolvendo o conceito de orgulho ganhou relevância política na medida que a compreensão da subalternização do grupo foi entendida como um resultado da repressão sexual e da invisibilidade representadas na instituição do armário, explicações cedidas pela ideia de *outing*. À medida que se forjava o consenso ao redor das ideias do *outing* e interferia na realidade com suas ações, os agentes e grupos sociais envolvidos na imprensa conquistaram a direção cultural da liberação gay. Ao passo que, o uso do termo “orgulho” em fins dos anos noventa, nas Paradas do Orgulho, é uma consequência pragmática aplicada pela ala que se fez hegemônica no processo de retomada das ações coletivas guiadas pelo ideal de liberação gay: profissionais liberais, jornalistas, escritores, personalidades com prestígio na comunidade gay, lideranças do MHB, empresários gays e frações de classes médias. Estes trataram de retomar o ideal da liberação gay do final dos anos 1960 e neutralizado nos anos 1980, em razão da epidemia de HIV/Aids, mas acrescentando nele o princípio de integração à ordem social, tendência presente em organizações do MHB que sobreviveram aos anos 1980 (dentre eles, o próprio GGB). De tal modo, o movimento da liberação gay, orientada pelas ações do *outing*, foi uma atividade de elevar indivíduos ao patamar de sujeitos da transformação e estimular, em suas mentes, imaginação, felicidade, liberdades tácitas e provisórias e a visão progressiva do reconhecimento por meio da garantia de direitos civis, como a união civil estável e, especialmente, as leis anti-discriminatórias em âmbito público ou privado. Esse ato contribuiu para que indivíduos guiados pelo princípio da integração social entendessem as situações injuriosas ou repressivas pelo quadro interpretativo da injustiça. Nesse sentido, o sucesso do consenso se deu em razão, sobretudo, da correspondência com os interlocutores que desejavam respostas pragmáticas a sua opressão e porque julgavam como promissores os anos 1990, muito em razão da oportunidade de influir sobre o Estado. Em resumo, o orgulho foi um sentimento que se expressava de forma prática em atitudes isoladas ou coletivas da contestação social. Da mesma forma, o orgulho foi a experiência compartilhada mais próxima de expressar a consciência política destes indivíduos enquanto grupo social. Em suma, o sentimento de orgulho fez parte da experiência da geração da década de 1990 e, como permite pensar Williams (2013), representa uma fase inicial de mudanças na organização social, no que aparenta ser a inclusão de um grupo social, até então marginalizado, às estruturas jurídicas e sociais heterossexistas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Meire Mathias e meu co-orientador, Prof. Dr. Fagner Carniel, pelo debate, atenção e troca na construção desta pesquisa, bem como, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo fomento à pesquisa científica realizada e ao Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (Cedoc LGBTI+) por ceder acesso ao material empírico utilizado na execução desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

FACCHINI, R.; FRANÇA, I. L. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios do Movimento LGBT brasileiro. **Revista Latinoamericana: Sexualidad, Salud y Sociedad**, [S.l.], n. 3, p. 54 - 81. 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/41>. Acesso em: 30 ago. 2023.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Ed. ARTMED, 2009.

RODRIGUES, R. de C. C. Mitos, categorias e cristais: revisitando os clássicos do movimento homossexual brasileiro. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 43, nº 93, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472023v43n93-13>. Acesso em: 30 ago. 2023.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 30 ago. 2023.

WILLIAMS, R. **A política e as letras: Entrevistas da New Left Review**. São Paulo: Ed. UNESP, 2013